



EPITÁFIO E MEMÓRIA EM *MELPÓMENE*, DE FRANCISCO DE QUEVEDO

Luzia Silva Pinto

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: 2020m0086@uesb.edu.br

Marcello Moreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

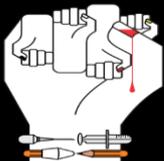
Endereço eletrônico: moreira.marcello@gmail.com

1279

INTRODUÇÃO

O estudo, que ora se apresenta, objetiva discutir a relação entre epitáfio, monumento e memória, na Espanha monárquica, dos séculos XVI e XVII, na qual se efetuou a produção da poesia fúnebre do poeta espanhol, Francisco de Quevedo. Nestes termos, urge esclarecermos que o objetivo primacial deste estudo é analisar, à luz das preceptivas clássicas, um epitáfio laudatório, impresso em *Melpómene*, musa terceira que integra o *Parnaso Español* (1648) do poeta madrilenho em foco, com o fito de compreender como estão, nele articulados, o topos poético da perenidade da poesia, sumarizado no verso “*Exegi monumentum aere perennius*”, imortalizado por Horácio, em sua Ode 30, bem como as tópicas próprias do gênero “epitáfio” como, por exemplo, a “admoestação ao passante” e o louvor dos homens ilustres que compunham o estamento aristocrático da monarquia espanhola quinhentista e seiscentista, cujos feitos são dignos de se tornarem memória poética pelo agenciamento de um *faber*, o Poeta.

Para além do que vai dito nas supracitadas linhas, torna-se sumamente importante ressaltarmos que o gênero epidítico do qual se valeu Quevedo, na composição de sua poesia fúnebre, tratava do belo e do bem, desde a retórica de Aristóteles (ARISTOTLE, 1994), assim como em tratados gregos e latinos que lhe são subsequentes, como a *Retórica para Alexandre*, de Anaxímenes de Lâmpsaco e o *Institutio Oratoria* (QUINTILIAN, 1963), dentre outros. Daí ser consentâneo afirmarmos que a poesia fúnebre produzida por Quevedo, em sua *Melpómene*, nos Quinhentos e nos Seiscentos, vincula-se a uma tradição retórico-poética, que especifica os gêneros e as espécies discursivas, assim como os tipos de caracteres a serem representados por meio deles, fomentando, desse modo, uma relação estreita entre



poética, retórica, política, teologia, poesia e memória, no Estado monárquico espanhol do supracitado recorte temporal.

METODOLOGIA

No que respeita à metodologia, esta, em conformidade com a estudiosa Minayo (2007), deve corresponder à necessidade de conhecimento do objeto. Desse modo, com o fito de emprendermos um estudo “arqueológico” consistente acerca do objeto de investigação Poesia fúnebre que integra Melpómene, musa terceira de Don Francisco de Quevedo, prioritariamente, encetaremos o estudo sistemático de tal corpus e, com vistas a garantir a inteligibilidade do estudo por ele requerido, partiremos para o cotejo dele com tratados retórico-poético-teológico-políticos, escritos pelos antigos, e atualizados nos séculos XVI e XVII, a bem dizer dos de Aristóteles, Cícero, Quintiliano, Cascales, Minturno e quejandos, escritos em língua portuguesa e espanhola; valer-nos-emos também de teses e dissertações acadêmicas, artigos científicos, revistas, resenhas, disponibilizados em bibliotecas virtuais que versem sobre o aludido objeto, enfim, consultaremos materiais produzidos e sistematizados, de domínio público e de valor científico reconhecido. Ademais, consultaremos fontes que versem sobre a organização social e política do Estado Monárquico e do Antigo Regime, bem como o arcabouço teórico fornecido pelos estudos de João Adolfo Hansen e Marcello Moreira, embasados nas preceptivas clássicas. Nesse ínterim, salientamos, dessarte, que, investidos dos ensinamentos coligidos dessa remissão, faremos a análise do epitáfio “Túmulo a la señora doña María Enríquez, Marquesa de Villamaina”, visualizado na Melpómene quevediana, com o intento de visualizarmos de que forma o poeta madrilenho em destaque, ao se apropriar dos ensinamentos contidos nas preceptivas retóricas e poéticas, mormente dos lugares-comuns (*topoi*), compôs os seus epitáfios laudatórios, levando-se na devida conta os seus fundamentos retórico-poéticos, suas implicações teológico-políticas, bem como sua relação com a memória. E, em última instância, incumbiremos de fazer uma compilação dos dados supracitados mais relevantes para o estudo em foco, bem como um escrutínio dos mesmos, com vistas a legitimar que morte, memória (técnica e social), poder e poesia se imbricam, firmando e afirmando uma estrutura hierárquica, entendida como modelar, nas práticas letradas da sociedade monárquica europeia à qual pertenceu Quevedo.

1280



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Concernente à relação entre poesia fúnebre, monumento e memória, na Espanha monárquica dos Séculos XVI e XVII, cumpre ressaltarmos que, em “Melpómene”, dentre as várias composições poéticas mortuárias que a constituem, abundam os epitáfios, os quais devem ser compreendidos como discurso que deve ser registrado tradicionalmente sobre materiais duros – e, portanto, duráveis –, a lápide, de preferência. Ademais, cabe lembrarmos que a lápide em que se inscreve o epitáfio, para além de ser duradoura, também permanece em lugar público, e é justamente essa sua eterna publicidade que a torna o suporte ideal de uma mensagem que só pode atingir sua finalidade – perpetuar virtudes – se for constantemente reapresentada àqueles a quem se destina. Na perspectiva que aqui se esquadrinha, o efeito de perenização própria das escritas epigráficas advém, por conseguinte, de um lado, do material que lhes dá suporte, e, de outro, do espaço onde se localizam tais inscrições. Neste ponto, tais aspectos delineiam-se sinteticamente nas palavras de Le Goff (2003, p. 428):

[...] A pedra e o mármore serviam, na maioria das vezes, de suporte a uma sobrecarga de memória. Os arquivos de pedra acrescentavam à função de arquivos propriamente ditos um caráter de publicidade insistente, apostando na ostentação e na durabilidade dessa memória lapidar e marmórea.

Em vista do que vai extratado nas supracitadas linhas, mais interessante é percebermos que a poesia se converte num monumento seguro, tal como o mármore, que é, por excelência, durável. Na verdade, ela ainda suplanta a durabilidade da pedra, caso levemos em consideração que, indiscutivelmente, resiste muito mais aos efeitos corrosivos do tempo pelo fato de multiplicar-se em incontáveis cópias. Deste modo, a poesia quinhentista e a seiscentista tanto podem configurar-se como fama futura, já que a palavra vive mais tempo do que os feitos, nos casos dos discursos epidícticos que objetivavam o louvor, quanto podem visar a perenizar a memória dos danados, no caso dos discursos epidícticos vituperantes.

Respeitante, ainda, à definição do latim *monumentum*, este significava, aos olhos de Achcar (1994, p. 163) “um monumento qualquer em pedra e bronze, uma obra literária, em prosa ou em verso, na materialidade de sua redação escrita”. Em conformidade com o exposto, o estudioso Marcello Moreira (2005), de forma



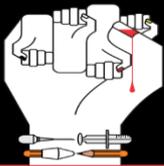
percuciente, arrazoá que, em se tratando da poesia laudatória, esta “permite, por ser monumento que imortaliza a memória de outrem, que se compare a vida de um indivíduo com a vida de um outro também imortalizada, com o objetivo de determinar quais dos dois de fato exceleu” (MOREIRA, 2005, p. 103). Desta chave de entendimento, torna-se, pois, lícito supormos, com fulcro em Le Goff, Achcar e Moreira que há uma relação entre poesia e memória desde os antigos, merecendo especial relevo Homero, inolvidável na composição do verso resistente ao tempo.

Em face do que foi mencionado, não podemos prescindir de dizer que, para combinar e articular discursivamente os *topoi* às finalidades do gênero “epitáfio laudatório”, Quevedo, inserido nas letras cultas quinhentistas e seiscentistas, necessitava ter o domínio de métodos mnemotécnicos a partir dos quais acessava os recursos já disponíveis em outros poetas ou nos tratados de retórica epidítica ou demonstrativa. Acrescentemos a isso que o aludido poeta, ao empregar engenhosamente, nos seus epitáfios laudatórios, o topos “desprezo dos bens do mundo” como uma das formas de alcançar a glória eterna, ressalta a excelência do morto, que, por seu turno, aceita cristãmente a vida como trânsito para a morte, tendo, pois, sua memória salvaguardada, visto que se portou como “melhor”, ou seja, como a representação da ordem o apresentava e o constituía.

Destarte, importa, outrossim, notarmos que o poeta Quevedo, ao se utilizar dos *topoi* ou lugares-comuns, preconizados pelos antigos e elencados na *Antologia Grega*, com o fito de compor os seus epitáfios laudatórios, legitima a ideia de que os tratados de retórica epidítica eram utilizados na construção de textos poéticos. Daí ser coerente afirmarmos que o epitáfio laudatório quevediano, delimitado para este estudo, assim como os que lhe foram coetâneos, integram uma tradição na qual a produção “literária” está jungida a um conjunto de prescrições derivadas de matrizes retóricas latinas e gregas.

CONCLUSÕES

À vista do que fica exposto, não nos foi forçoso constatar que, mediante articulação entre poética e retórica demonstrativa, a poesia fúnebre quevediana tem, portanto, uma finalidade didática e moralizante, já que, por meio do *memento mori*, ensina que uma vida bem vivida, sobretudo em consonância com a vontade cristã, culmina, por conseguinte, numa boa morte. E, em última instância, dessumimos, sem



dificuldade, que há, nas práticas letradas quinhentistas e seiscentistas, especificamente na poesia fúnebre que integra a Melpómene quevediana, uma mútua relação que permite a estabilidade da memória, da poesia que a difunde, do poder que as consolida, o qual também é consolidado por elas, haja vista que “a memória a ser construída poeticamente [...] não pode ser separada do monumento codicológico que organiza a produção poética atribuída ao poeta e que, ao fazê-lo, preserva-a” (MOREIRA, 2005, p. 83-84).

PALAVRAS-CHAVE: Epitáfio. Retórica. Memória. Melpómene. Quevedo.

1283

REFERÊNCIAS

ACHCAR, Francisco. **Lírica e lugar-comum**: alguns temas de Horácio e sua presença em português. São Paulo: Edusp, 1994.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, prefácio, introdução, comentários e apêndices de Eudoro de Sousa. 4. ed. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994.

ARISTOTLE. **Art.of Rhetoric**. Cambridge: Harvard University Press, Loeb Classical Library, 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2003.

MOREIRA, Marcello. As armas e os barões assinalados: poesia laudatória e política em Camões. **Revista Camoniana**, Bauru, SP: Edusc, v. 17, 3ª série, p. 77-104, 2005.

MOREIRA, Marcello. Ad Parnasum – expansão, colonização e empresa civilizatória Lusa em música do Parnasso. **Revista USP**, São Paulo, n. 70, p. 141-151, jun./ago. 2006.

QUEVEDO, Don Francisco de. **El Parnaso Español, y Musas Castellanas**. Madrid: Melchor Sanchez, 1648.

QUINTILIAN. **The Institutio Oratoria**. With and English Translation by H. E. Butler. Cambridge: Harvard University Press, 1963.